

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

sentar-se porque se ama e se detesta a verdade. Representa-se porque se dava em doido se se não representasse. Representar! Sei eu acaso quando represento? Haverá um momento em que deixo de representar? Olhai para mim: acaso detesto as mulheres ou faço o papel de as detestar? Represento o medo e o aborrecimento que vos causo, ou terei eu realmente e perversamente o desejo de vos fazer pagar pelos outros?»

Mas aquilo de que Kean aqui se queixa e que ele refere à sua situação de comediante, vimos já que era a sorte, precisamente, de toda a consciência lúcida. Mathieu queixava-se de não poder sentir sofrimentos verdadeiros; Orestes invejava as densas paixões humanas; Hugo não conseguia experimentar a realidade dos seus sentimentos; Garcin reclamava a tortura real para escapar à dor do pensamento, a um sofrimento fantasma; Heinrich confessava: «Os outros é que sofrem; não eu. Deus permitiu que eu fosse assediado pelos sofrimentos dos outros sem jamais os sentir...» Goetz gostaria de estar no lugar de Hilda para ser enfim atingido na carne pela realidade e sofrimentos dos pobres. E vejamos Kean: *Sofro como um cão.*

ANNA — *Kean!*

KEAN — ensaiando em três tons diferentes: *Sofro como um cão! Sofro como um cão! Sofro como um cão! Qual destes tons é que prefere?*¹

Mas quanto a Genet, perguntar-se-á, os seus sofrimentos não eram mais do que um jogo? Evidentemente que não. Somente acontece que há o sofrimento e a sua manifestação. Porque o sofrimento é subjectivo, mas escapa ao próprio sujeito, se se não investir de uma certa objectividade quando se exprime, quando aparece, quando se torna existente fora, no mundo e sob o olhar dos outros. Ora que é que acontece se os outros se recusam (e é o caso de Slick e Georges em

¹ «Nós outros, diz ele ainda, quando nos acontece uma desgraça, temos de imitar a emoção para a sentirmos.» Mas todo o homem está aí. Os nossos sentimentos não são estados. A tristeza não é uma qualidade do ser que em nós estivesse instalado; e nós não estamos tristes senão na medida em que nos tornamos tristes. Somos consciência de o estarmos, o que significa que o não somos. Assim não deixamos de correr após os sentimentos e de tentar assegurar-nos deles, obviando a essa inconsistência que os caracteriza. «A dor não é antes de mais uma plenitude silenciosa que de si própria gozasse atrocemente. É antes de mais uma falta... É um vazio obcecante que se vive no nervosismo, que desejaria ser plenitude que se representa em vão como plenitude.»

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

face de Hugo, como de Karl e dos camponeses em face de Goetz), a admitir o nosso sofrimento? Se formos condenados a sofrer em solidão e fora do mundo dos homens? Acontece que o nosso sofrimento se irrealiza, tal como o desse jovem judeu de dezasseis anos, preso em 42, antes mesmo de ter ouvido falar em resistência e que uma bela manhã soube que o iam fuzilar como refém.

As pessoas adultas tinham pretendido organizar um mundo em que ele pudesse viver, e em contrapartida tinham-lhe exigido a sua confiança e ele deu-a: era para o assassinar. Em nome desta confiança cega, do optimismo que lhe tinham inculcado, em nome da sua juventude e dos seus infinitos projectos, ele devia revoltar-se. Mas contra quem? Para quem apelar? Para Deus? Não era crente. E ainda que o fosse nada isso alteraria: Deus consentia que o matassem; era do partido das pessoas adultas. Esta revolta amordaçada era tanto mais violenta quanto mais se sabia ineficaz: os gritos que sabemos nos não ouvem, fecham-nos um cerco de um horrível silêncio. A sua recusa mudava de significado: não se tratava já de repelir uma morte inevitável, mas de morrer dizendo «não». Como não podia tolerar que esse «não» fosse uma palavra ao vento, fosse a respiração que pasadas de terra, caídas na sua boca, sepultassem com ele, ele opunha uma recusa para forçar o Absoluto a tomá-la à sua conta, para que o éter ou qualquer fluido incomprimível se tornasse memória eterna em que a sua revolta se gravasse para sempre. Esse «não» assegurava-lhe a imortalidade: a sua alma, separada do corpo seria um não imortal. Mas o Absoluto é cego e surdo, não conhecemos o diamante que possa riscar o éter. A recusa transformava-se em mágica encantação e era vivida ao invés: visto que deve, essencialmente, dirigir-se a alguém, a criança opunha uma recusa para que esse alguém nascesse, para criar ouvidos ao Absoluto. De súbito, tornava-se imaginária: os gritos, as lágrimas, as pancadas que atirava contra a porta eram-lhe furtadas — sentia que tinham posto um actor no seu lugar. Então imobilizava-se na estupefacção e perguntava-se vagamente que Deus colérico, não contente de o condenar à morte, o obrigava ainda a morrer em insinceridade. Esse Deus, nós sabemos que é o homem. O segredo destas comédias forçadas reside nisto: há situações que só se podem sofrer, mas sofrer é impossível, porque o homem se define pelo acto. Quando a acção é recalçada pelo mundo, interioriza-se e irrealiza-se, ela é representada; reduzido à impotência, o agente torna-se actor.